



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

THAÍS VIANA DAS CHAGAS LIMA

**MENSTRUÇÃO E POBREZA MENSTRUAL, PRECISAMOS FALAR
SOBRE ISSO! EXPERIMENTAÇÕES DIDÁTICAS NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

BRAGANÇA-PA

2022

THAÍS VIANA DAS CHAGAS LIMA

**MENSTRUÇÃO E POBREZA MENSTRUAL, PRECISAMOS FALAR
SOBRE ISSO! EXPERIMENTAÇÕES DIDÁTICAS NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, Faculdade de Ciências Biológicas, para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos – UFPA/IECOS/FBIO

BRAGANÇA-PA

2022

THAÍS VIANA DAS CHAGAS LIMA

**MENSTRUÇÃO E POBREZA MENSTRUAL, PRECISAMOS FALAR
SOBRE ISSO! EXPERIMENTAÇÕES DIDÁTICAS NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.**

Este Trabalho será julgado para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Biológicas do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, do Campus Universitário de Bragança.

DATA DA APROVAÇÃO: 28/06/2022

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos – Orientadora
UFPA/IECOS/UFPA/Campus Bragança

Profa. Dra. Rosigleyse Corrêa de Sousa Felix
UFPA/IECOS/FBIO/Campus Bragança

Prof. Mestre Marcos Allan da Silva Linhares
UFU/Centro Educacional João Paulo II

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por me ajudar a alcançar mais um sonho, dando-me vida, saúde e força durante essa trajetória;

Ao Instituto de Estudos Costeiros (IECOS)/UFPA, pelo curso ofertado e pela oportunidade de concluir um curso de nível superior;

A todos os professores que contribuíram para minha formação, que me inspiraram a ser uma professora cada vez mais dedicada aos meus alunos;

Aos professores da UFPA por todas experiências e conhecimentos passados durante o curso;

À minha orientadora, Sandra Bastos, por toda paciência e disponibilidade para a conclusão deste trabalho e pelo exemplo de professora que almejo ser;

Ao Programa Residência Pedagógica pela oportunidade de vivenciar experiências incríveis na docência e à CAPES pela concessão da bolsa que tornou viável a realização dessa pesquisa;

Às professoras Nelane Marques e Rosigleyse Felix pela coordenação Núcleo de Ciências e Biologia do Programa Residência Pedagógica (PRP/UFPA);

À Escola Argentina Pereira por ter aceitado ser a escola parceira para realização das atividades do PRP;

Ao professor Nivaldo Junior, preceptor do estágio, por ter acompanhado e coordenado as atividades desenvolvidas em sala de aula;

Ao meu amigo, Neyson Torres, pela parceria no estágio e nas atividades desenvolvidas na escola;

Aos meus pais, Oton e Rosiane, por minha educação, por toda dedicação e luta para que eu alcançasse esse sonho;

Ao meu namorado, Carlos Bentes, por toda paciência, companheirismo e força que foram fundamentais para a conclusão deste curso e do presente trabalho;

Aos meus irmãos pelo companheirismo e conselhos para que eu soubesse lidar com todos os momentos dentro da Universidade e na vida;

À minha amiga, Raiane Oliveira, por estar ao meu lado nos dias difíceis durante esses quatro anos de curso;

Às minhas amigas de curso, Danielle Guedes e Giselle Favacho, pela parceria em todos os trabalhos e companheirismo durante toda a minha vida acadêmica;

SUMÁRIO

1	Delineando os caminhos da pesquisa	6
2	Caminhos Metodológicos	10
3	Resultados e Discussão	11
4	Proposição de uma sequência didática para ensino do Sistema Genital Feminino, com ênfase no tema da menstruação e pobreza menstrual	21
5	Considerações Finais	24
6	Referências	26
7	Anexos	28

MENSTRUÇÃO E POBREZA MENSTRUAL, PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO! EXPERIMENTAÇÕES DIDÁTICAS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.

Thaís Viana das Chagas Lima [thais.lima@braganca.ufpa.br]
Universidade Federal do Pará
Faculdade de Ciências Biológicas
Alameda Leandro Ribeiro- Bragança, Pará

Resumo

A ciência ainda é percebida pelos sujeitos como algo distante, aparentemente sem qualquer influência direta sobre sua realidade vivencial. Nesse sentido, faz-se necessário que o ensino de ciências seja abordado de forma inovadora, relacionando o ensino de ciências com o cotidiano. Muitos conteúdos trabalhados no Ensino de Biologia são difíceis de relacionar de forma clara e objetiva com o dia a dia dos alunos. Dentre eles podemos destacar os sistemas reprodutores, que é trabalhado de forma muito compartimentalizada e, muitas vezes, deixando de lado as questões sociais que envolvem esse tema. Nessa perspectiva, é necessário destacar que é compromisso da escola abordar o corpo humano de forma associada com a realidade e com os anseios e necessidades dos estudantes. Dessa forma, o presente artigo relata uma experiência educacional com uma turma do 9º ano do ensino fundamental, abordando conteúdos sociais, os tabus sobre a menstruação e a pobreza menstrual. Assim, destacamos a reação dos alunos frente as discussões sobre a diversidade corporal feminina e os padrões corporais impostos pela sociedade. Discutimos o entendimento dos alunos acerca dos tabus sobre a menstruação e a pobreza menstrual, fazendo uso do conhecimento prévio dos alunos como material para as discussões. Propusemos uma atividade de escrita criativa e analisamos o desempenho dos alunos diante do cenário de aulas remotas e a necessidade de atividades que estimulem a criatividade e escrita dos alunos. Destacamos a importância de atividades lúdicas na construção do conhecimento dos alunos. Além disso, propõe-se uma sequência didática para trabalhar esse conteúdo de forma aprofundada.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Sistema Genital feminino; Sequência Didática; Formação de Professores.

1 Delineando os caminhos da pesquisa

A ciência ainda é percebida pelos sujeitos como algo distante, aparentemente sem qualquer influência direta sobre sua realidade vivencial. As dificuldades de compreensão das complexas relações existentes entre as teorias científicas e técnicas, ciência pura e aplicada e teoria e prática leva-os a perceberem as ciências apenas pelos resultados de suas aplicações, favorecendo o surgimento do cientificismo, da fusão ciência/técnica e do mito da neutralidade científica (NASCIMENTO *et al*, 2010).

No ensino de ciências, estas questões podem ser percebidas pelas dificuldades do aluno em relacionar a teoria desenvolvida em sala com a realidade a sua volta, não reconhecendo o conhecimento científico em situações do seu cotidiano. Aliado a estas questões tem-se o grande desafio de tornar o ensino de ciências prazeroso, instigante, mais interativo, dialógico e baseado em atividades capazes de persuadir os alunos a admitirem as explicações científicas para além dos discursos autoritários, prescritivos e dogmáticos. (WILSEK e TOSIN, 2009). De acordo com a Base Nacional Comum Curricular

[...] não basta que os conhecimentos científicos sejam apresentados aos alunos. É preciso oferecer oportunidades para que eles, de fato, envolvam-se em processos de aprendizagem nos quais possam vivenciar momentos de investigação que lhes possibilitem exercitar e ampliar sua curiosidade, aperfeiçoar sua capacidade de observação, de raciocínio lógico e de criação, desenvolver posturas mais colaborativas e sistematizar suas primeiras explicações sobre o mundo natural e tecnológico, e sobre seu corpo, sua saúde e seu bem-estar, tendo como referência os conhecimentos, as linguagens e os procedimentos próprios das Ciências da Natureza (BRASIL, 2018, p. 333).

Nesse sentido, faz-se necessário que o ensino de ciências seja abordado de forma inovadora, relacionando-o com o cotidiano. Para isso, o professor precisa encontrar maneiras diversas e atrativas para conseguir a atenção dos alunos e dessa forma interagir com eles e cumprir seu papel que é de construir conhecimentos e contribuir para que os alunos não só recebam a informação, mas aprendam a refletir sobre elas e principalmente relacioná-las com sua vida cotidiana. Segundo Castello (1985), é papel das escolas ensinar os alunos a pensar de forma mais eficiente, pois devido o avanço da tecnologia, o “velho ensino” que se baseia apenas em “jogar” as informações para os alunos está se tornando cada vez menos eficiente.

Assim, aprender ciência deve ser associado ao desenvolvimento da capacidade de atuação no e sobre o mundo, assegurando aos alunos o acesso à diversidade de conhecimentos científicos, possibilitando um novo olhar sobre o mundo que os cerca. Para tanto, é imprescindível que eles sejam progressivamente estimulados e apoiados no planejamento e na realização cooperativa de atividades investigativas, utilizando situações de aprendizagem que partam de questões desafiadoras. (BRASIL, 2018).

Laburu *et al.*, (2003) postula que os estudantes apresentam variações na forma de aprender e de se relacionar com o conhecimento. Nesse caminho, os autores recomendam a utilização de metodologias variáveis, que atendam o interesse da maioria dos alunos e não apenas de um tipo em particular. Para Camargo e Daros:

Mesmo diante de tantos avanços tecnológicos e científicos, o modelo de aula continua predominantemente oral e escrito, assim como os recursos utilizados. Nesse contexto, têm-se mantido intactos muito giz, caderno e caneta. Quando mudam, ganham uma nova roupagem por meio da utilização de instrumentos audiovisuais, como a inserção de filmes, vídeos e apresentações gráficas e projetores multimídia. Já os alunos continuam a receber o conteúdo passivamente e cada vez mais esperam tudo produzido pelos professores (CAMARGO; DAROS, 2018, p. 27).

É emergente incentivar o estudante a participar das aulas de forma ativa, não só recebendo o conteúdo de maneira passiva, mas construindo-o junto com o professor, se apropriando do conhecimento histórico acumulado e os associando com o seu cotidiano, gerando maior engajamento, motivação e responsabilidade frente aos problemas sociais, como defende Carbonell:

[...] não se pode olhar para trás em direção à escola ancorada no passado em que se limitava ler, escrever, contar e receber passivamente um banho de cultura geral. A nova cidadania que é preciso formar exige, desde os primeiros anos de escolarização, outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa (CARBONELL, 2002, p. 16).

Criar condições que implicam a participação do aluno de forma ativa possibilita maior facilidade de aprendizado e gera inovação nas metodologias de ensino. A inovação na educação é essencialmente necessária, pois é a partir dela que serão abertas as portas para as novas metodologias. Mas, para isso é preciso compreender de forma mais ampla o que é a inovação na educação. De acordo com os estudos de Carbonell, a inovação educacional corresponde a:

[...] um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e

práticas pedagógicas. E, por sua vez, introduzir, em uma linha renovadora, novos projetos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino-aprendizagem, modelos didáticos e outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe (CARBONEL, 2002, p. 16).

Muitos conteúdos trabalhados no Ensino de Biologia são difíceis de relacionar de forma clara e objetiva com o dia a dia dos alunos. Dentre eles podemos destacar a reprodução humana que é abordada a partir dos sistemas reprodutores humanos, a nosso ver de forma simplificada, por focar apenas aspectos da morfologia e fisiologia desconsiderando elementos importantes como a afetividade, por exemplo. Nesse caminho, temas sociais considerados importantes (e polêmicos!) tais como: gravidez indesejada, aborto, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, orientação e identidade sexual, muitas vezes são deixados de lado nas discussões que ocorrem em sala de aula, esvaziando a função social do ensino da biologia que é a de contribuir no cotidiano dos alunos para ampliar o entendimento que o indivíduo tem da sua própria organização biológica, do lugar que ocupa na natureza e na sociedade, e na possibilidade de interferir na dinamicidade da vida por meio de uma ação mais coletiva, visando a melhoria da qualidade de vida (KRASILCHIK, 2004).

Nas escolas, a abordagem dos sistemas humanos se dá de forma compartimentalizada, apresentando o corpo em uma perspectiva dissociada do meio em que está inserido, restringindo-o à dimensão da descrição do funcionamento de seus órgãos, relacionando suas funções. Nessa perspectiva, é necessário destacar que é compromisso da escola abordar o corpo humano de forma associada com a realidade e com os anseios e necessidades dos estudantes. Não é segredo que esse tema desperta muita curiosidade e interesse dos alunos, sendo assim é preciso aproveitar essa mobilização para discutir o corpo de forma mais ampla, inserindo discussões socioculturais que tornam os alunos conscientes das hibridações que acontecem entre seu corpo e o meio natural.

É importante destacar a necessidade de conhecer e aprender a cuidar do próprio corpo, identificando as interações morfológicas e fisiológicas, bem como as relações que são estabelecidas com o meio (MORAES; GUIZZETTI, 2006). No entanto, é preciso avançar para além da dimensão biológica que se baseia no enfoque de um organismo atemporal e universal, para abordar o corpo em sua dimensão histórica e cultural, que leva em consideração os acontecimentos que o afetam e o (re)configuram diariamente, e que o posicionam no mundo como ser humano dotado de gênero, etnia, sexualidade, comportamentos e existências particulares. (MARTINS et al., 2012).

Tais posicionamentos na escola são extremamente relevantes para os alunos, auxiliando-os a reconhecer questões e posicionamentos relacionados ao seu próprio corpo. Como também, aprendam se proteger. Isso pode ser comprovado quando uma menina de 9 anos que, após assistir uma de educação sexual, conseguiu reconhecer que estava sendo abusada sexualmente desde os seus 5 anos de idade¹. É no espaço escola que gestos, movimentos e sentidos são produzidos por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. É nesse momento que “todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar).” (LOURO, 2003).

Dessa forma, é válido destacar a importância de abordar temas sociais que envolvem, por exemplo, a menstruação e a pobreza menstrual, desmistificando os tabus acerca desse tema. A menstruação ainda é abordada de forma muito mecanicista, reforçando o papel da mulher unicamente como reprodutora e esse aspecto fisiológico em particular como um grande incômodo que geralmente é reconhecido como impureza ou mesmo fraqueza, como afirma Walker:

¹ Informações disponíveis em: <https://br.noticias.yahoo.com/crianca-de-9-revela-que-e-abusada-pelo-padrasto-apos-aula-de-educacao-sexual-151920739.html>.

Ao longo dos séculos, as sociedades dominadas pelos homens fizeram esforços importantes para assemelharem a magia feminina do sangue aos deuses ou figuras de salvadores masculinos [...] À parte do conceito da semelhança da dádiva de sangue de Cristo, a sociedade ocidental desenvolveu outros esforços masculinos para se apoderar do simbolismo feminino do sangue e colocá-lo de alguma forma sob o controle masculino (WALKER, 1993, p. 306)

Devido a esses aspectos, falar sobre menstruação sempre foi um assunto delicado ao longo dos séculos. Assim, podemos definir essa temática como tabu, que pode ser definido como “restrição a certos comportamentos, vestuário, alimentos, formas de se expressar etc²”. Dessa forma, quando falamos de tabu relacionado a menstruação, estamos nos referindo ao silenciamento em torno desse assunto não somente na sociedade, mas na escola em particular. Por silenciamento, compreende-se a falta de um diálogo aberto sobre a menstruação entre as mulheres, com a sociedade e nas escolas.

As mulheres são ensinadas de acordo com normas sociais vinculadas a esse fenômeno desde sua primeira menstruação. Dentre elas está não comentar quando estiver em seu período menstrual, não exibir absorventes - principalmente para o sexo oposto -, além da ideia de uma tensão pré-menstrual, período em que se acredita que a mulher se apresenta mais propensa a mudanças de humor drásticas e comportamentos irracionais. Esses preceitos fortalecem, então, a marginalização do tema da menstruação (RATTI et.al., 2015, p. 3):

Diante desse cenário é urgente que as escolas incluam em seus currículos a educação menstrual, enfocando não somente a prevenção da gravidez, mas na forma dos alunos se relacionarem com o corpo feminino e suas transformações. Assim, discussões desse cunho deve ganhar visibilidade no “chão da escola”, de modo a mostrar esse aspecto da fisiologia feminina de forma natural a fim de superar mitos, principalmente aqueles que apontam para uma suposta inferioridade feminina que vê a menstruação como algo anti-higiênico, sujo, sinal de incapacidade, indignidade e até mesmo de inferioridade feminina. Outro ponto de extrema importância para ser destacado é a pobreza menstrual, problema que pode ser associado e responsável pela evasão escolar de meninas que não tem garantidos direitos básicos de acesso a produtos e locais onde possam realizar dignamente sua higiene nesse período.

A pobreza menstrual pode ser definida como a falta de acesso a produtos menstruais, a informação sobre menstruação e a infraestrutura adequada para o manejo da higiene menstrual. Segundo dados do Banco Mundial, estima-se em pelo menos 500 milhões o número global de meninas e mulheres que não dispõem de instalações para o adequado manejo da higiene menstrual (MHM) (BANCO MUNDIAL, 2018). Quando não há acesso adequado aos produtos de higiene menstrual, muitas meninas e mulheres precisam improvisar usando pedaços de tecido, papéis, jornal, miolo de pão ou ainda passam várias horas do dia com o mesmo absorvente.

Dados do Unicef (2021) revelam que 713 mil meninas brasileiras vivem sem banheiro ou chuveiro em casa. Um levantamento realizado pela empresa Johnson & Johnson, da marca Sempre Livre, mostra que 22% das jovens de 12 a 14 anos no Brasil não têm acesso a produtos de higiene no período menstrual. Quando se trata de adolescentes entre 15 e 17, o número sobe para 26% (UNICEF, 2021).

O relatório “Pobreza Menstrual no Brasil – Desigualdades e Violações de Direitos”, lançado em 2021 pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e Unicef, mostra que mais de um milhão de meninas não têm a sua disposição papel higiênico no banheiro das escolas; quase 200 mil alunas estão totalmente privadas de condições adequadas para cuidar da menstruação e pelo menos 320 mil estudam em escolas que não possuem banheiros em situação de uso.

Considerando a relevância do ensino contextualizado de Biologia, que leve em consideração os problemas sociais vivenciados pela comunidade escolar, decidimos investir na discussão do tema

² TABU. In: Michaellis Online

pobreza menstrual dentro da unidade corpo humano, no ensino de Ciências. Sendo assim, nosso objetivo principal é o de problematizar as atividades desenvolvidas nas aulas de Biologia do Ensino Fundamental, no âmbito do Programa Residência Pedagógica, em uma escola pública do município de Bragança, Pará. Nesse caminho investimos na proposição de atividades que abordassem a discussão do sistema reprodutor humano não apenas enfocando sua morfologia/fisiologia, mas, acima de tudo, abordando de maneira mais efetiva e crítica as questões que envolvessem o cotidiano dos alunos, tais como transformações corporais, padrões de corpo impostos pela sociedade e pela mídia, além de um tema considerado como tabu que é a menstruação. Como objetivos específicos, pretendemos investigar a reação dos estudantes acerca de mitos sobre a menstruação; avaliar a reação dos alunos frente a temas considerados controversos no ensino de ciências e apresentar uma proposta de sequência didática para o ensino do sistema reprodutor feminino direcionando as discussões para a realidade dos estudantes.

A realização da pesquisa ocorreu no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP), uma Política Nacional de Formação de Professores que tem como principal objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. A execução das atividades aqui descritas ocorreu integralmente de forma remota devido à pandemia de covid-19, o home office em razão da suspensão das aulas nos espaços escolares físicos, transferiu as interações pedagógicas para os ambientes virtuais com as aulas remotas. Assim, o ensino remoto emergencial tornou-se uma forma de dar continuidade temporária aos estudos de milhares de estudantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior (CAPES, 2022).

2 Caminhos Metodológicos

Para atingir os objetivos deste trabalho realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo relato de experiência. O relato de experiência pode ser definido como um “texto que descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação. É a descrição que um autor ou uma equipe fazem de uma vivência profissional tida como exitosa ou não, mas que contribua com a discussão, a troca e a proposição de ideias para a melhoria do cuidado na saúde.” (UFJF, 2017).

As atividades foram desenvolvidas ao longo de uma sequência de atividades, cujo tema foi Sistema Reprodutor Humano (sistemas genitais masculino e feminino), que faz parte da unidade ‘Corpo Humano’, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Argentina Pereira, para alunos de 9º ano do Ensino Fundamental. As atividades planejadas foram baseadas em metodologias ativas para o ensino de biologia, visando tornar os conteúdos mais atraentes e menos compartimentalizado. Visamos com isso, proporcionar aos alunos uma experiência diferenciada no que tange o conhecimento do corpo humano, suas transformações, os processos que ocorrem ao longo da vida e a importância de conhecer o seu próprio corpo. Nesse caminho, incluímos em nosso planejamento atividades que proporcionassem uma participação mais ativa dos alunos durante as aulas.

Devido a pandemia da covid-19, todas as aulas foram ministradas de forma remota, sendo assim, utilizamos a plataforma digital *google meet* para os encontros síncronos e o aplicativo de *WhatsApp* para orientar os exercícios e atividades propostos. A turma era composta por 30 alunos, com faixa etária entre 14 e 16 anos. A frequência nas aulas variou entre 7 e 13 alunos, pois nem todos os estudantes dispunham de equipamentos ou mesmo do sinal da internet todos os dias para acompanhamento das aulas online. Para avaliação das atividades desenvolvidas e registro dos acontecimentos em sala, foi utilizado um caderno de campo. O conteúdo sobre Sistema Reprodutor

foi abordado em três aulas de 90 minutos que ocorreram entre abril e maio de 2021, obedecendo a sequência de atividades apresentada a seguir:

Tabela 1: Sequência de Atividades desenvolvidas com a turma de 9º ano do Ensino Fundamental

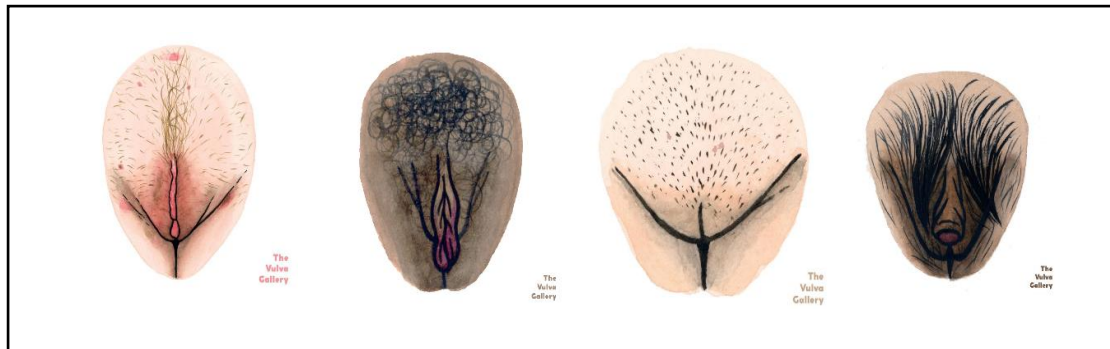
Aula	Tema abordado	Atividades desenvolvidas	Metodologias	Objetivos
Aula 1	Sistema Reprodutor Feminino/Ciclo menstrual	Atividade 1 – Aula Expositiva Dialogada	Imagens sobre a genitália feminina interna e externa	Apresentar e discutir a morfologia externa e interna, bem como as funções reprodutivas e sensoriais do sistema genital feminino
		Atividade 2 – O que é menstruação?	Infográfico sobre pobreza menstrual; indicação da série “Anne with an E” e do documentário “Absorvendo tabu”.	Discutir o ciclo menstrual, as transformações corporais na puberdade e a pobreza menstrual.
		Atividade 3 – Mitos e verdades	Afirmativas de conhecimento popular e científico sobre o corpo feminino.	Debater e desconstruir e mitos sobre o corpo e a identidade feminina.
Aula 2	Sistema Reprodutor Feminino	Atividade 4 – Escrita criativa	Construção de textos sobre o sistema reprodutor feminino.	Revisão do conteúdo, Estimular a escrita e a criatividade.
Aula 3	Sistema Reprodutor Feminino	Atividade 5 – Jogo de fixação	Jogo online para identificação dos órgãos do sistema reprodutor feminino.	Revisão e fixação do conteúdo.

Fonte: elaborada pela autora.

3 Resultados e Discussão

Na primeira etapa do trabalho, foi apresentado por meio de uma aula expositiva dialogada o sistema reprodutor feminino, dando-se ênfase à anatomia interna e externa. Nesse momento, destacou-se que existem diferentes tipos de vulvas: brancas, pretas, com e sem pelos reforçando que não há um padrão corporal específico no qual todas as meninas estão (ou podem) ser inseridas. Esta intervenção inicial foi feita por meio de uma imagem provocativa que apresentava diferentes tipos de vulva para promover a discussão sobre a diversidade dos corpos femininos e problematizar a padronização e uniformização dos corpos.

Figura 1 – Imagem utilizada para discutir a diversidade da genitália externa feminina



Fonte: <https://www.thevulvagallery.com/>

Diante de nossas provocações a partir de perguntas para entrar em contato com o que eles pensavam sobre o que estávamos nos propondo a discutir, os alunos se mantiveram quietos e em silêncio, não expressando qualquer reação diante de nossa provocação. Interpretamos esse silêncio como uma reação de desconforto devido eles pensarem não ser “normal” tratar desse assunto em sala de aula.

Santana e Waldhelm (2009) discutem como essas questões são difíceis de serem tratadas no material didático que chega à escola. Como autoras de uma coleção didática para o ensino de ciências elas contam que resolveram abordar as características anatômicas dos corpos femininos e masculinos com ilustrações que não se limitavam aos tradicionais cortes longitudinais/transversais e a mostrar o interior dos órgãos. Ao apresentarem os corpos inteiros, com as estruturas externas visíveis a fim de que o aluno pudesse reconhecer seu próprio corpo na imagem apresentada no livro, elas contam que a imagem da vulva causou mais espanto do que as que retratavam pênis, e nesse caminho elas concluem que parece haver maior naturalidade no trato com a anatomia masculina, não sendo “à toa que a maioria das mulheres (e homens) refere-se à vulva como vagina”. Certamente isso acontece porque nas escolas, a partir dos livros didáticos, possivelmente, só estudaram anatomia interna do corpo feminino.

Cardoso e Veloso defendem que é de extrema relevância destacar que não existe um padrão corporal, pois os adolescentes buscam se encaixar em algo irreal o que, conseqüentemente, afeta a autoestima, “os adolescentes buscam adentrar em padrões esteticamente estabelecidos pela sociedade a fim de serem aceitos pela mesma (CARDOSO; VELOSO, 2009). Para Gomes (2015), na adolescência ocorre uma intensificação na preocupação com a imagem corporal, uma vez que a sociedade impõe, de forma direta e indireta, alguns padrões de beleza tidos como requisitos favoráveis à aceitação na sociedade.

Vários fatores podem influenciar o processo de formação da imagem corporal e dentre eles estão o sexo, a idade, a satisfação corporal, além da relação com o corpo, com os processos cognitivos, afetivos, sociais (GOMES, 2015). A mídia, em geral, desempenha um papel importante na vida dos adolescentes e dissemina a ideia de uma perfeição corporal, na qual a magreza simboliza felicidade, satisfação, beleza e atração sexual, enquanto a obesidade representa preguiça e falta de vontade (SAIKALI et al., 2004).

A adolescência é um período do desenvolvimento humano normalmente marcado por transformações biológicas e psíquicas que geram inquietudes e sofrimento. Nesse caminho a emergência da sexualidade e a dificuldade em estabelecer a própria identidade são alguns elementos associados a este período (BRAGA et al., 2010). Sendo assim, concordamos que esse é o momento oportuno para discutir essas questões em sala de aula. Mesmo que o silêncio tenha sido a resposta que os alunos nos

deram frente às provocações, temos certeza de que eles não ficaram imunes ao que discutimos. É importante que a escola aborde esse tema, pois o ambiente escolar é considerado um meio adequado para avaliar a percepção de autoimagem corporal e possíveis fatores de insatisfação por se tratar de um local de interação entre os adolescentes (GOMES, 2015).

Além das mudanças que iniciam na puberdade e da diversidade corporal feminina, adentramos na discussão sobre a menstruação com a inserção da seguinte pergunta: “você acham a menstruação algo vergonhoso?”. Nossa intenção foi verificar o que eles sabiam sobre esse tema, por meio da percepção que tinham sobre esse fenômeno, além de incentivar a participação deles na aula e utilizar as respostas como material para a discussão.

Nessa aula estiveram presentes 7 (sete) estudantes que foram bem participativos. Alguns meninos disseram que achavam a menstruação algo vergonhoso, no entanto, a maioria das meninas discordou da pergunta, dizendo que a menstruação era algo natural, e que por esse motivo não era necessário ter vergonha de passar por isso. As respostas obtidas, em sua maioria, no formato: “sim, professora” e “não, professora” foram obtidas pela participação direta no microfone ou no chat da sala de aula virtual.

É importante verificar que embora a maioria das meninas presentes tenham discordado de que a menstruação é algo que possa causar vergonha, os meninos sustentam essa afirmação. Luísa Cardoso (2009)³ explica como as meninas são ensinadas desde muito cedo a terem vergonha desse fenômeno, e a escondê-lo, por meio de técnicas sutis (que são aprendidas e disseminadas ao longo das gerações) e que vão desde um sussurro para pedir um absorvente a uma amiga até o hábito de guardá-los por baixo de roupas em uma gaveta ou em uma bolsinha para nunca os deixar à mostra. Em contrapartida,

os reais ensinamentos sobre a menstruação deixam a desejar. Meninas não são ensinadas de forma apropriada sobre seus sistemas reprodutivos. Quais sintomas a menstruação pode causar? Qual o impacto no nosso corpo? Por que sentimos dores? O que é a tensão pré-menstrual? Esses assuntos são inibidores e tratados de forma constrangida por todos à nossa volta [...]. E o que as meninas aprendem? Elas aprendem que é vergonhoso falar sobre menstruação. **Aprendem a ter vergonha dos seus corpos.** [...]. Acredite ou não, **o tabu da menstruação pode ser muito conveniente para grandes corporações de produtos menstruais.** E é por isso que todo o marketing utilizado ajuda a manter este tabu vivo. Desde comerciais de absorventes que prometem manter o seu segredo sujo seguro atrás de uma saia branca até sabonetes perfumados que prometem deixar sua vagina limpa e cheirosa. Vaginas não são sujas! **O marketing da vergonha existe em uma tentativa de gerar insegurança para perpetuar a demanda por produtos desnecessários e mercantilizar a menstruação** (Grifos da autora).

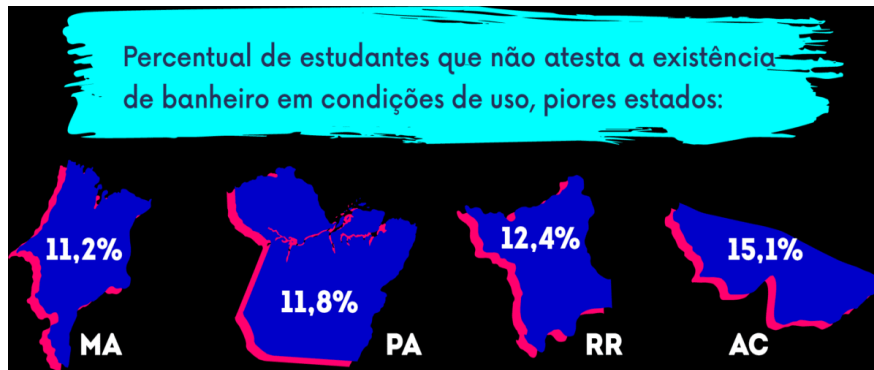
Segundo Louro (2003), o processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. O autor traz questionamentos como “é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas?”; “É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo?” “É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero?”. Nas escolas é, muitas vezes, reforçado a separação dos sexos, atribuindo determinadas características como algo “feminino” ou “masculino”. Ainda segundo o autor é indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem.

Depois desse momento de interação, apresentamos um infográfico com dados sobre a “pobreza menstrual” (Figura 2) explicando a condição de algumas mulheres que vivem em situações precárias

³ Informações disponíveis em: <https://www.menoslixo.com.br/posts/por-que-temos-vergonha-da-menstruacao> [acesso em junho de 2022].

e não possuem condições mínimas de higiene durante o período menstrual, afetando muitas meninas no Brasil e sendo um dos fatores da evasão escolar, já que em muitas escolas brasileiras os banheiros estão em condições precárias.

Figura 2- Dados da pobreza menstrual no Brasil por região.



Fonte: <https://livreparamenstruar.org>

O debate sobre essas questões novamente retomou a discussão sobre como a menstruação ainda é tratada como um tabu e a necessidade de reverter esse quadro. Para auxiliar na compreensão desse tema tomamos como base dois materiais que estão fora do currículo da escola, mas que podem ser empregados como elementos que facilitam o aprendizado tornando-o mais dinâmico e prazeroso. Com o tempo da aula restrito, e por esse motivo ser impossível a incluir uma exibição, optamos por recomendar aos alunos que assistissem em casa o episódio “um laço de amizade” da série “Anne with an E”⁴.

Figura 3- Frames da série “Anne with an E”



Fonte: imagens capturadas pela autora

Diante da ocorrência de sua primeira menstruação, o episódio narra como a personagem principal, Anne, vive as limitações, confusões e mal entendidos, no que ela classifica como “o pior dia de

⁴ Na premiada série, disponível na plataforma Netflix, a protagonista é uma adolescente de treze anos, Anne Shirley, que foi adotada pelos de irmãos, já idosos, Marilla e Mathew Cuthbert para viver com eles na província de Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá. A obra é baseada nos livros “Anne of Green Gables”, publicados a partir de 1908, pela autora canadense Lucy Maud Montgomery. Informações disponíveis em: <https://falauniversidades.com.br/critica-resenha-resumo-anne-with-an-e/> [acesso em junho de 2022].

todos”. As alterações de humor e a necessidade de usar “paninhos” para conter o fluxo são vistos por Anne e suas amigas como incômodos aos quais as mulheres devem, não apenas aceitar com resignação, mas, acima de tudo, esconder de todos (principalmente dos meninos). A partir dessa produção, que retrata os modos de vida e de comportamento de uma pequena comunidade canadense no século XIX, é possível discutir como essas questões são passadas de uma geração a outra e como até hoje essa forma de pensar e viver o período menstrual ainda é muito presente.

Indicamos também o documentário “Absorvendo o Tabu²” (Figura 3) que mostra como mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, conseguem sua independência financeira quando passam a produzir absorventes de baixo custo no pequeno vilarejo de Hapur a 60km de Nova Deli na Índia. O documentário mostra como a máquina representa um grande avanço na condição de vida daquele grupo de mulheres, ao mesmo tempo em que mostra a violência simbólica de gênero presentes nos discursos cotidianos daquela comunidade que Brito (2022) classifica como “patriarcal, machista, retrógrada e imersa em tabus”.

No documentário, os homens se referem à menstruação como “*um tipo de doença que afeta principalmente as mulheres*” ou como “*um problema feminino*”. Tais falas, entre tantos outros momentos mostrados no documentário, podem ser problematizadas para discutir que esse evento natural não é uma doença e muito menos pode ser classificado como um problema.

Figura 4 – Divulgação do Documentário Absorvendo o Tabu



Fonte: imagens capturadas pela autora

Ainda nessa aula, foi proposta a dinâmica “mito ou verdade”, com cinco afirmativas baseadas no conhecimento popular e científico, com o intuito de desconstruir e discutir mitos e verdades sobre o corpo feminino. Os alunos foram chamados a responder se concordavam ou não com cada afirmativa. A maioria dos alunos participaram e deram suas opiniões pelo microfone ou pelo chat do google meet, nesse momento os alunos foram mais interativos e fizeram alguns breves relatos, como por exemplo, “minha vó acredita que faz mal andar descalça, quando estamos menstruada”. Os resultados dessa atividade são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2- Quadro de respostas do dinâmica mitos e verdades

Enunciados	Situação	Número de alunos que concordaram com o enunciado	Número de alunos que discordaram do enunciado
“Andar descalça e lavar cabelo pode causar cólicas por causa do frio”	Mito	4 alunos	3 alunos
“As mulheres ficam impuras durante a menstruação”	Mito	2 alunos	5 alunos
“A expressão está de “chico” é ofensiva”	Verdade	0 alunos	7 alunos
“Ter pelos pubianos é falta de higiene”	Mito	5 alunos	2 alunos
“A TPM deixa as mulheres mais estressadas”	Mito	7 alunos	0 alunos

Fonte: elaborada pela autora

O tabu da menstruação se manifesta em diversas formas, em geral como interdições e proibições às mulheres que vão desde não poder lavar a cabeça ou tomar banhos, até não tocar nas plantas ou preparar certos alimentos (NATANSOHN, 2005). Durante as discussões e com as respostas das perguntas “mito ou verdade”, foi possível avaliar que parte dos alunos acreditavam em mitos ou conheciam alguém que acreditava, como também, a forma como isso influencia na percepção deles sobre a menstruação já que alguns achavam que era vergonhoso, impuro ou ruim.

Assim como, é possível analisar que mesmo após as discussões anteriores, uma parcela dos alunos ainda acreditava em alguns mitos, como por exemplo, de que “as mulheres ficam impuras durante a menstruação”. Essa visão negativa da menstruação, como afirma Furlani (2009), muitas vezes é reiterada ao longo de gerações em diferentes culturas que normalizam a associação entre menstruação e impureza, ou sujeira. A autora cita como exemplo os esquimós asiáticos que acreditam que o contato com uma mulher menstruada poderia “contaminar o homem e levá-lo a se afogar no mar”

O entendimento da menstruação como algo negativo também se manifesta quando os estudantes concordam que não há nada de ofensivo na expressão “estar de “chico” que normalmente é utilizada para se referir a uma mulher quando ela está menstruada. A expressão “chico” no português falado em Portugal, é sinônimo de “porco”, daí o advento da palavra “chiqueiro”⁵. Dessa forma, usar o termo “estar de chico” para se referir ao período menstrual é o mesmo que associar a menstruação a algo sujo. Da mesma forma o termo “estar de bode”, muito comum na região Norte do Brasil, tem o mesmo significado, uma vez que esse animal também é associado à falta de banho e a odores ruins. Esses termos geram um teor profano e impuro a uma reação tão vital do corpo (MUNDIM; SOUZA; GAMA, 2020). Historicamente muitas culturas, como por exemplo, a judaico-cristã, condenaram o sangue menstrual como algo sujo e não aceitável para a época (VARGENS et al, 2019).

Fáveri e Venson (2007) afirmam que muitas mulheres estão acostumadas a se referir ao próprio corpo por metáforas “chico”, “boi”, “boiada”, na intenção de silenciar e minimizar as falas sobre a menstruação. Essa maneira segredada e codificada de falar da fisiologia feminina não advém necessariamente de desconhecimento sobre o funcionamento do próprio corpo, mas, é prática cultural que está inclusa numa lógica específica de pensar as mulheres. São estratégias de esconderijo, que envolve uma teia de significados em uma linguagem que muitas vezes é entendida por elas, são

⁵ Informações disponíveis em: <https://www.hypeness.com.br/2020/06/a-origem-nada-legal-da-expressao-estar-de-chico-para-menstruar/> [acesso em junho de 2022].

códigos apreendidos e reproduzidos e sempre falados em voz baixa. No entanto, esse silenciamento implica na manutenção e na sustentação de tabus, uma vez que

não falar sobre a menstruação já é um jeito de falar sobre ela. A omissão demonstra preconceitos perpetuados no dia a dia. Não nomear a menstruação usando no lugar eufemismos como “estar naqueles dias”, “estar de chico”, “regras”, significa tornar invisível um fenômeno fisiológico e recorrente, além de alimentar mitos e tabus extremamente danosos às mulheres, meninas e pessoas que menstruam de maneira geral (UNICEF, 2021).

O silenciamento sobre esse tema, tem referência à idealização de um corpo perfeito: que não sangra, não sente, não tem processos naturais. Ou seja, esconde-se, então, tudo o que é tido como “imperfeito” e que causa desconforto (RATTI et al, 2015). É interessante perceber que mesmo nas propagandas de absorventes higiênicos a ideia da menstruação como algo que causa incômodo, desconforto é reforçada.

O tabu da menstruação está presente no fato da mulher não poder mostrar que está menstruada. Se ocorrer algum vazamento, as pessoas ao seu redor saberão o que está acontecendo e ela então será considerada suja. Tudo que está vinculado à vagina e, portanto, ao natural feminino, é silenciado e deve ser higienizado. Pressupõe-se que a mulher não pode ter contato com o seu próprio sangue para se manter pura e limpa, pois um dos benefícios do produto anunciado é a estrutura moderna do absorvente que “prende o fluxo longe da pele” (RATTI et al, 2015).

A linguagem utilizada nas propagandas reforça o silenciamento da menstruação, uma vez que em nenhum momento se fala em “sangue” ou mesmo “menstruação”. Fala-se em “fluxo” simplesmente, que ainda por cima é representado por um líquido na cor azul.

Quanto à presença dos pelos pubianos, verificamos que cinco alunos concordaram com a afirmação de que “ter pelos pubianos é falta de higiene”, sobre essa questão Sangiorgi (2017) afirma que a retirada total ou parcial do pelos pubianos é uma prática empregada em larga escala principalmente entre as mulheres e que pode ter repercussão clínica para a saúde genital e sexual. Como tendência estética esse comportamento está associado à crença de que a retirada dos pelos melhora a higiene genital. Em seu estudo a autora mostra ainda que, tanto as mulheres quanto os homens brasileiros, principalmente os mais jovens, preferem a genitália feminina completamente depilada, indicando possivelmente que esse hábito é realizado para agradar ao sexo masculino preferencialmente.

Na afirmação “a TPM deixa as mulheres mais estressadas” todos os alunos presentes na aula concordaram com a afirmação, ou seja, todos acreditam que todas as mulheres ficam mais estressadas no período que antecede a chegada da menstruação. Fernandes (2009) afirma que o corpo da mulher, sempre foi visto como lócus de muitas enfermidades relativas à sua natureza e, nesse sentido, ela também tinha o potencial de propagar doenças para os outros dependendo da condição na qual se encontrava. Os leprosos, por exemplo, eram tidos como filhos daqueles que mantiveram relações sexuais quando a mulher estava menstruada.

A Tensão Pré Menstrual difere de uma mulher para outra e pode ser algo muito relativo. O estudo desenvolvido por Hoga (2000) mostra que as mulheres tem dificuldades para identificar essa síndrome e conseqüentemente de adotar práticas de auto cuidado. Esse estudo aponta ainda a falta de conhecimento e sensibilidade dos homens que na percepção de suas mulheres, “são machistas em relação à TPM” pois são poucos “os que compreendem” esse período. Nas palavras das mulheres esse período é subestimado por seus companheiros e banalizado pois “qualquer nervosismo ou irritação é consequência da TPM, os homens usam a TPM para culpar a mulher por todas as brigas”. A falta de sensibilidade dos homens faz com que as mulheres se sintam incompreendidas e contrariadas, o que, por sua vez, favorece o surgimento de atritos e interferências negativas sobre o relacionamento entre o casal (HOGA, et al, 2009).

Willig e Schmidt (2021) identificaram que as expressões “irritada”, “irritadiça”, “irritado”, “Tá na TPM”, “falta de sexo”, “louca”, “louco”, “enlouquecido”, “enlouquecer”, “histérica”, “bode”, “de lua”, “selvagem”, “estressada”, “bipolar”, entre outras, surgiram nas falas de professores e professoras em uma atividade de sensibilização sobre a menstruação, revelando o preconceito com as oscilações de humor características do ciclo menstrual. Longe de serem termos inocentes, as autoras defendem que esses adjetivos, constantemente associados à instabilidade emocional, são geralmente empregados às mulheres para desqualificar seus discursos e ações nos diferentes espaços pelos quais transita, tais como a academia, trabalho e até mesmo na cena familiar. Sendo assim, os corpos menstruados são a representação literal da falta de controle do ser humano sobre a sua própria natureza.

Na segunda aula como exercício de revisão dos conteúdos abordados, propusemos uma atividade de Escrita Criativa em que os alunos teriam que escrever uma história dando vida aos órgãos do sistema reprodutor. Para isso eles deveriam usar a criatividade para descrever a morfologia e o funcionamento do órgão escolhido criando sua própria história. Para auxiliá-los foram apresentados três exemplos (Anexo 1) durante a aula, que depois foram compartilhados no grupo de WhatsApp. Os textos produzidos pelos alunos estão organizados na Tabela 3.

Tabela 3 – Textos produzidos pelos alunos no exercício de Escrita Criativa

Aluno	Texto produzido no exercício
Aluno 1	Eu me chamo útero e tenho a função de guardar o embrião. Quando uns nadadores entram , tenho a função de carregar durante 9 meses durante a gestação, eu sou um dos órgãos do aparelho reprodutor nas fêmeas. Durante uma gravidez, o útero se expande e o feto se desenvolve em seu interior, e é também responsável pela expulsão do feto através de contrações no momento do parto, estou localizado no anterior da pelve.
Aluno 2	Olá, eu me chamo útero, eu sou um órgão que sou quase no formato de uma pera, eu possuo paredes espessas e faço parte do sistema genital feminino, sou um órgão que apresento como minha principal função servir de local para o desenvolvimento do bebê, mas também sou responsável por alguns efeitos da menstruação... A menstruação das meninas consiste na descamação do endométrio, caracterizada por um período de sangramento.
Aluno 3	Olá, eu me chamo colo do útero, tenho 15 aninhos de vida , moro em uma área quente que fica localizada entre o fundo da vagina e a cavidade uterina. Minha função é separar os órgãos externos e internos da genitália feminina. Sou uma região muito sensível que fica exposta às alterações e doenças relacionadas, sobretudo, ao sexo, a minha região sofre alterações durante a vida da mulher, que podem ser causadas pela idade e a fase do ciclo menstrual. Nessa minha idade é preciso que a pessoa que tem o meu órgão tome a vacina, porque posso ter câncer no colo do útero e outros tipos de doenças. Então, preciso de todos os cuidados do mundo.
Aluno 4	Ovários. Olá, eu sou o ovário, e falta três meses para a minha dona entrar na adolescência. Enquanto não chaga a puberdade, eu no corpo fico quietinho trabalhando discretamente produzindo hormônios em pequenas quantidades. Falta um mês, mas não quero mas esperar já deixo de preguiça e começo meu trabalho . Aliás, eu sou responsável pela gravidez e pela a menstruação. Também tenho outros vizinhos e amigos que são responsáveis por outros trabalhos no corpo, mas são outras histórias pra outro dia.
Aluno 5	Olá, me chamo útero, Sou um órgão em formato de pêra e faço parte do sistema reprodutor feminino, me localizando na cavidade pélvica. E sou responsável pela menstruação, gravidez e parto, e meu tamanho varia de acordo com a idade, número de filhos e condições fisiológicas e hormonais da mulher.

Fonte: elaborado pela autora

Nos textos produzidos verificamos a recorrência da expressão “olá, me chamo...” que foi utilizada em um dos textos disponibilizados para que os alunos se inspirassem. Apesar disso, pudemos observar que alguns alunos, mesmo trazendo muitos elementos do texto disponibilizado, trazem algumas novidades quando usam as expressões “fico quietinho” ou “deixo de preguiça” (Aluno 4) para mostrar o funcionamento dos ovários no início da puberdade. Da mesma forma, o Aluno 1 usa o termo de “nadadores” para se referir aos espermatozoides e o Aluno 3 ao se referir à “idade” do colo do útero escreve “tenho 15 aninhos”, provavelmente se referindo a sua própria idade. Nesse caso é importante destacar que o texto menciona dois aspectos importantes: o câncer de colo útero e a prevenção dessa doença por meio da vacinação, assuntos que foram pautados durante as aulas.

Os alunos relataram muita dificuldade na produção dos textos. Um dos motivos para essa dificuldade pode ter sido o fato das aulas acontecerem de forma remota e os alunos que não participaram das aulas enfrentaram muitas dificuldades de entender como a atividade deveria ser desenvolvida apenas pelas orientações no grupo de WhatsApp. O ensino remoto gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para uma realidade atípica, o *online* (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020). Essa migração implicou em muitas dificuldades tanto para mediação do conteúdo como para comunicação entre alunos e professores, principalmente em uma escola periférica que atende alunos em condição de vulnerabilidade socioeconômica.

Segundo dados do IBGE, a evasão e o atraso escolar têm relação direta com a condição socioeconômica, atingindo a população mais pobre em até oito vezes mais que os mais ricos. Entre os principais motivos para a evasão escolar, o mais apontado foi a necessidade de trabalhar que ocorre mais frequentemente entre jovens de 15 a 17 anos e que estão, sobretudo, no Ensino Médio (IBGE, 2019). Com o contexto da pandemia, essa exclusão aumentou mais, devido muitos alunos não terem condições e meios para acessar as aulas *online*. Em 2019, cerca de 4,3 milhões de estudantes em todo o país não tinham acesso à internet, seja por razões econômicas ou indisponibilidade do serviço na área em que vivem. Desse total, 4,1 milhões são alunos da rede pública. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) Contínua, que investigou no último trimestre de 2019 o acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). (IBGE, 2021).

Diante desta necessidade os docentes passaram a vivenciar uma nova realidade no que cabe a sua atuação docente, pois fez-se obrigatória a importância em atender a todos os alunos, independente do seu nível de escolaridade (SILVA; SALDANHA, 2020). O planejamento de ensino é um processo no qual devem ser considerados diferentes aspectos que envolvem o contexto e a realidade do aluno e do professor, o atendimento educacional remoto para ter sucesso precisa primeiramente de um planejamento de aula, por parte dos professores (MORAIS et al., 2020). Sendo assim, é papel do professor mediar o aprendizado para que possa alcançar todos os alunos, sendo necessário que o envolvimento do aluno nas aulas seja reforçado.

Mesmo com todas essas dificuldades, verificamos que eles procuraram realizar a atividade e ao fazerem isso, buscaram informações sobre o assunto. Foram muitas as mensagens trocadas por WhatsApp para tirar dúvidas e pedir ajuda. Entendemos essas ações como movimentos de buscar cumprir a atividade proposta mesmo que as condições de realização fossem difíceis. Mesmo que seja um processo lento, mas possível, entendemos que é necessário investir e estimular os estudantes a escrever e com isso exercitar sua criatividade. Segundo Figueiredo (1994) “escrever não é um dom, nem um privilégio inato de gênios, mas um trabalho aturado e orgânico”, ou seja, é um processo que precisa ser estimulado e ensinado e, para isso, faz-se necessário que as atividades sejam planejadas com tempo, para auxiliar os alunos na construção.

Na atividade 05 foi feita uma revisão de todo o conteúdo, para avaliar o que eles haviam aprendido foi realizado um jogo antes de dar início a revisão. O jogo ⁶“sistema reprodutor feminino” é *online* e tinha como objetivo ajudar na fixação dos conteúdos ministrados nas aulas anteriores. Para realização do jogo, alunos deveriam identificar a localização dos órgãos. O jogo foi utilizado como forma de fixação de conteúdo, visando a morfologia e fisiologia do tema abordado em sala e por entendermos que a ludicidade

é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS, 2007, p 12).

Devido a aula ser online e muitos alunos não condições de acessar o link, o jogo foi apresentado no *google meet* para os alunos e eles discutiam juntos a localização dos órgãos e seus nomes. Os alunos foram bem participativos, debateram entre si, se empolgavam em cada acerto e obtiveram um ótimo resultado, acertando quase todas as identificações. Foi possível observar que, durante a realização dos jogos, os alunos foram mais participativos do que durante a discussão das questões sociais, isso, provavelmente, ocorre devido os temas sociais causarem certo desconforto nos alunos que não estão acostumados com tais questionamentos em sala de aula e também porque os jogos são estimulantes e permitem maior interação dos alunos. O caráter lúdico dos jogos é frequentemente associado a uma possibilidade de motivar os estudantes a aprender ciências de modo menos formal e mais prazeroso (CUNHA, 2012). Os jogos são também defendidos como geradores de um ambiente favorável ao trabalho em equipe e à manifestação da criatividade (SOARES, 2004). Além disso, destacamos que devido ao pouco tempo que tivemos não foi possível incluir outros jogos de revisão para abordar os temas sociais.

Figura 5- Imagens do jogo online



Fonte: imagens capturadas pelos autores

⁶ O jogo está disponível no seguinte endereço: http://formulageo.blogspot.com/2020/10/jogue-on-line-sistema-reprodutor_9.html

4 Proposição de uma sequência didática para ensino do Sistema Genital Feminino, com ênfase no tema da menstruação e pobreza menstrual

Diante do sucesso que obtivemos com essas atividades em sala de aula e como em nossa avaliação elas se mostraram como ferramentas importantes para de trabalhar mais dinâmica esses conteúdos, propõe-se aqui uma sequência didática. Zabala (1998) define a sequência didática como o “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”. Na perspectiva desse autor esse método de ensino compreende três fases reflexivas: o planejamento, a aplicação e a avaliação.

Na problematização inicial, o professor deve discutir e problematizar o assunto a ser abordado a partir do contexto social de seus alunos. Delizoicov et al. (2017) enfatizam que um dos pontos principais da problematização é fazer com que o aluno sinta a necessidade de adquirir outros conhecimentos que ainda não detém, ou seja, procura-se configurar a situação em discussão como um problema que precisa ser enfrentado.

Na organização do conhecimento o professor tem uma ação mais efetiva, pois a partir do levantamento das situações a serem problematizadas, fará o planejamento e a apresentação dos conteúdos para que haja, por parte de seus estudantes, a compreensão científica dos conceitos discutidos nas aulas (RIZZATTI; SOUZA, 2021, p. 16). Dessa forma, será possível que o aluno aprenda a perceber a existência de outras visões e explicações para situações e fenômenos problematizados e, também, comparar esse conhecimento com o seu modo de usá-lo na interpretação dos fenômenos estudados. (DELIZOICOV et al. 2017).

Na Aplicação do conhecimento, o professor fará a retomada dos conceitos explorados ao longo dos momentos anteriores, para analisar e interpretar como as situações iniciais foram determinantes para a obtenção de conhecimento dos alunos. Para isso, será realizado uma produção final colocando em prática os conhecimentos adquiridos nos momentos anteriores.

Segundo o autor, essas três fases possibilitam que o professor esteja em constante reflexão e aperfeiçoe suas ações pedagógicas. Cabral (2017) destaca que o conjunto de intervenções em uma sequência didática propostas em um “passo a passo” pelo professor, formam “elos de conhecimento” que geram aprendizagens significativas, pois existe uma interligação entre os conceitos apreendidos.

Nessa perspectiva, as sequências didáticas se constituem como uma ferramenta muito importante para a construção do conhecimento, por possibilitar o emprego de diversas estratégias didáticas, tais como: “exposição oral, demonstração, experimentos, soluções de problemas, entre outros, ou seja, as sequências didáticas podem promover um desempenho melhor dos educandos em detrimento as abordagens mais tradicionais de ensino (SILVA; LAMBACH, 2017).

Dessa forma, diante da importância do tema e das potencialidades que ele apresenta, é necessário investir nessa discussão em sala de aula. Assim, apresentaremos uma proposta de sequência didática para trabalhar, de preferência no formato presencial, o ensino do sistema reprodutor feminino, dando ênfase à menstruação e à pobreza menstrual.

PLANO DE AULA PARA UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Título: Sistema Genital Feminino – Menstruação e Pobreza Menstrual	
PÚBLICO-ALVO	
Caracterização dos Alunos Série: 9º ano do ensino fundamental	Caracterização da Escola

Faixa etária: 14-16 anos. Alunos por turma: 35		Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Argentina Pereira, localizada na zona urbana do município de Bragança Pará.	
Problematização: Por desconhecimento do próprio corpo muitas mulheres compreendem a menstruação como tabu e como algo que precisa ser escondido.			
Objetivo Geral: Discutir a morfologia do corpo humano feminino com ênfase no ciclo menstrual para desmitificar algumas percepções e discutir a pobreza menstrual.			
METODOLOGIAS DE ENSINO			
Aulas	Objetivos Específicos	Conteúdos	Descrição das Atividades
Aula 1	- Levantar o conhecimento prévio dos alunos; - Reconhecimento dos órgãos que compõe o sistema genital feminino	- Sistema genital feminino: morfologia interna e externa, - Puberdade.	Atividade 1: Aula Expositiva dialogada sobre os órgãos que compõem o sistema reprodutor feminino. Com destaque à diversidade morfológica existente. Atividade 2: Mito ou verdade: Para a realização dessa atividade será necessário fazer perguntas problematizadoras sobre o corpo feminino e sobre a menstruação, essas perguntas precisam ser mitos e verdade. Colocar essas perguntas dentro de uma caixinha e separar a turma em meninos e meninas. É interessante colocar no quadro uma tabela de pontos para as meninas e para os meninos. Um aluno de cada equipe pega uma pergunta na caixinha, esse aluno irá dizer se é mito ou verdade com o apoio de suas equipes. Ao responderem os alunos deverão falar sobre o que pensam daquela afirmação e se ela é verdadeira ou falsa. O professor deverá ser o mediador do debate e instigar a participação dos alunos. Após a realização da atividade e contagem dos pontos o professor deverá discutir as afirmações destacando os mitos, preconceitos e tabus envolvidos em cada uma delas.
Sugestões de afirmações a serem utilizadas na atividade Mito ou Verdade: “Andar descalça e lavar cabelo pode causar cólicas por causa do frio”; As mulheres ficam impuras durante a menstruação”; “A expressão está de “chico” é ofensiva”; “Ter pelos pubianos é falta de higiene”; “A TPM deixa as mulheres mais estressadas”; “Todas as mulheres possuem condições financeiras de comprar absorventes”; “Todas as escolas possuem infraestrutura necessária para receber as mulheres durante seu período menstrual.”			
AVALIAÇÃO: Os alunos serão avaliados de acordo com a participação em sala de aula, bem como pela participação na discussão na atividade mito ou verdade			
Aula 2	- Discutir o silenciamento sobre a menstruação e as implicações desse comportamento em nossa sociedade; - Apresentar as fases do ciclo menstrual;	- Ciclo menstrual.	Atividade 1: Exibir em sala de aula o episódio 5 da temporada 1 da série “Anne with na e”, disponível na Netflix. Esse episódio retrata como a menstruação é vista como algo vergonhoso e que não deve ser mencionado. Após a exibição o professor poderá debater sobre as questões sociais que envolvem a menstruação, os tabus que cercam esse tema e as questões culturais que reforçam esse silenciamento. O professor poderá mapear junto com seus alunos quais comportamentos observados no episódio estão presentes ainda hoje em nossa sociedade. Atividade 2: Aula expositiva dialogada sobre as fases do ciclo menstrual.

			Com o auxílio de imagens o professor apresentará aos alunos as fases do ciclo menstrual especificando as alterações hormonais envolvidas em cada uma delas.
<p>Referência: Na premiada série, disponível na plataforma Netflix, a protagonista é uma adolescente de treze anos, Anne Shirley, que foi adotada pelos de irmãos, já idosos, Marilla e Mathew Cuthbert para viver com eles na província de Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá. A obra é baseada nos livros “Anne of Green Gables”, publicados a partir de 1908, pela autora canadense Lucy Maud Montgomery. Informações disponíveis em: https://falauniversidades.com.br/critica-resenha-resumo-anne-with-an-e/ [acesso em junho de 2022].</p> <p>Link de acesso: https://www.netflix.com/br/title/80136311?s=a&trkid=13747225&t=cp&vlang=pt&clip=80182207</p>			
<p>AVALIAÇÃO: Os alunos, distribuídos em grupos, deverão construir um cartaz, usando a criatividade para representar o ciclo menstrual. Nos cartazes deverão aparecer frases ou desenhos que desmistifiquem os tabus impostos pela sociedade. Os cartazes poderão ficar expostos na sala de aula para consulta, ou pôem ser expostos nos corredores para acesso de outros estudantes da escola.</p>			
Aula 3	- Apresentar aos alunos temas sociais que envolvem o corpo feminino.	- Menstruação - Pobreza menstrual	Passar em sala de aula o documentário “Absorvendo tabu”, disponível na Netflix. O documentário curta-metragem, ganhador do Oscar em 2019, conta a história de como foi desenvolvida uma máquina para fazer absorventes biodegradáveis e de baixo custo nos vilarejos indianos. Além disso, conta como mulheres de baixo saneamento básico lidam com seu período menstrual. A partir disso, o professor pode pedir que os alunos anotem pontos importantes do documentário para dar início a discussão sobre pobreza menstrual.
<p>Referência: No documentário Absorvendo o tabu, de apenas 26 minutos e que está disponível na Netflix, ele revela a história de uma população em que a maioria dos homens sequer sabe do que se trata direito a menstruação — ou finge não saber — e em que as mulheres sofrem preconceito por conta do período, chegando a perder o emprego, largar os estudos, serem impedidas de entrar em templos, por serem consideradas “sujas” e ainda por uma situação muito mais delicada. Informações disponíveis em: https://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo/critica-do-documentario-absorvendo-o-tabu/. [acesso em junho de 2022].</p> <p>Link para acesso: https://www.netflix.com/br/title/81074663?s=a&trkid=13747225&t=cp&vlang=pt&clip=81076501</p>			
<p>Sugestão de perguntas para discussão: “Qual a importância de criar absorventes de baixo custo?”; “Quais motivos levaram essas mulheres a fabricarem absorventes?”; “O que vocês entendem sobre os estigmas em torno da menstruação?”; “Qual a importância de conversar sobre a menstruação?”; “Qual ponto mais tocou vocês?”</p>			
<p>AVALIAÇÃO: Pedir para que os alunos, em grupo, pensem em estratégias viáveis para solucionar o problema da pobreza menstrual na escola. As ideias deverão ser apresentadas e discutidas na aula seguinte.</p>			
Aula 4	- Revisar os conceitos e ideias discutidos anteriormente. - Incentivar a prática da escrita. - Estimular a criatividade.	-Sistema reprodutor feminino; - Menstruação;	Atividade 1: Exibição do filme “viagem insólita” Atividade 2: Após a exibição do filme “Viagem Insólita” solicitar aos alunos que escrevam uma história para descrever o funcionamento do sistema reprodutor feminino e para isso, será necessário “dar vida” aos órgãos. É importante destacar que as histórias deverão abranger os conceitos e os temas discutidos nas aulas anteriores. As histórias deverão ser lidas na aula seguinte e podem compor um mural de histórias.
<p>Referência: Tuck Pendleton, um piloto de teste da Marinha, se ofereceu para uma experiência médica altamente perigosa: um submarino com Tuck no comando foi encolhido até o tamanho molecular, para ser inserido no corpo de um coelho vivo. Entretanto, alguns ladrões tentam roubar Tuck e o submarino enquanto ambos estavam miniaturizados e, por acidente, Tuck e o submarino acabam sendo injetados no corpo de Jack Putter, um amável balconista hipocondríaco. Informações disponíveis em: https://filmow.com/viagem-insolit-t1191/. [acesso em junho de 2022].</p>			

Avaliação Final: Construção de um Jornal Mural	
<p>Para organização do jornal mural a turma deverá ser dividida em grupos. Cada grupo ficará responsável por um grupo de informações: Dados, Curiosidades, Conceitos, etc. As informações coletadas deverão ser registradas e organizadas em folhas de papel que serão fixadas no mural. É importante estimular aos alunos a pensarem na formatação visual do jornal, tamanho da letra que permita a leitura e uso de imagens adequadas o tema. É possível estimular os alunos a produzirem as ilustrações do jornal e a usarem gráficos e tabelas. O professor pode envolver a participação de outros professores (Matemática, Artes, Língua Portuguesa), além de trazer alguns jornais para a sala de aula para que os alunos observem sua formatação e a forma como os textos são redigidos. O jornal mural deverá ser afixado na parede da sala ou em local a ser escolhido pelos alunos.</p>	
Bibliografia	<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é pobreza menstrual: https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pobreza-menstrual.htm. - Pobreza menstrual no brasil: https://www.unicef.org/brazil/relatorios/pobreza-menstrual-no-brasil-desigualdade-e-violacoes-de-direitos. - Dados sobre falta de infraestrutura e itens básicos para cuidados menstruais: https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/no-brasil-milhoes-de-meninas-carecem-de-infraestrutura-e-itens-basicos-para-cuidados-menstruais. - Lei sobre distribuição de absorventes para mulheres de baixa renda: https://www12.senado.leg.br. <p>Material Utilizado: Acesso à Internet para pesquisar os dados, uma folha fina de isopor, papel para encapar o isopor e fazer o mural, tacinhas, cartolina e canetinha.</p>

Fonte: adaptado de Castellar; Machado, 2016

5 Considerações Finais

Ao longo das atividades desenvolvidas foi possível observar que os alunos, de forma geral, foram bem participativos e expressaram suas ideias e opiniões, o que consideramos como uma valiosa contribuição para uma aprendizagem significativa que segundo Santos (2008) ocorre se quatro condições básicas forem atendidas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir com os diferentes contextos”.

O período de aulas remotas exigiu que o professor empregasse metodologias mais ativas e motivadoras em sala de aula, buscando não apenas inovar o ensino, mas acima de tudo estimular a frequência e a participação dos alunos nas atividades propostas. Um desafio considerável uma vez que nas escolas, principalmente as públicas, a presença de tecnologias ainda era, naquele momento, uma realidade pouco presente. O fato é que, uma parcela significativa dos alunos, não têm acesso à internet, ou mesmo um computador (ou outro equipamento mais simples como tablet ou celular) em casa para acessar as aulas ou os conteúdos disponibilizados pelo professor.

Com isso, evidencia-se que a educação, como processo histórico, sofre alterações de acordo com o contexto socioeconômico e as condições objetivas em que se realiza, sendo necessário se adequar às necessidades de seus alunos, professores, bem como da sociedade de uma forma geral.

Desse modo, é necessário que o professor adeque suas metodologias de ensino, para atender às demandas de seus alunos pois como anuncia Moran (2018), a educação não pode permanecer a mesma, e o ensino de Ciências exige uma abordagem pedagógica inovadora, capaz de atender a complexidade do processo ensino-aprendizagem que vai além da memorização excessiva do conteúdo. Partindo desse pressuposto, é importante que a aprendizagem tenha significado para o aluno, sendo essencial que ele associe os conteúdos com seu dia a dia. Para Nascimento (2016), isso irá influenciar o aluno a ir em busca de novos conhecimentos, novas experiências, contribuindo para seu processo de aprendizagem.

Nesse contexto, as metodologias ativas, se apresentam como ferramentas inovadoras de ensino, que visam possibilitar ao estudante maior protagonismo no processo de construção do seu conhecimento. Como afirma Nascimento (2016), tais metodologias possibilitam ao aluno maior liberdade de escolha

nas atividades propostas e uma postura ativa diante do seu aprendizado, uma vez que ele é constantemente desafiado por meio de problemas que o levam a pesquisar para descobrir soluções, de uma forma que estejam de acordo com sua realidade.

É desejável portanto, que o ensino de ciências não se limite apenas à descrição de conteúdos teóricos, mas que inclua a reflexão crítica sobre os problemas atuais que exigem de nós posicionamentos críticos e tomadas de decisão. O ensino das Ciências Biológicas nas escolas deve proporcionar aos alunos a integração de conceitos de suas diferentes áreas com as questões sociais contribuindo assim para despertar o senso crítico e a formação para a cidadania (LEITE et al, 2017).

Uma dessas questões é a pobreza menstrual nas escolas, realidade presente no Brasil, desconhecida de muitos brasileiros e ainda pouco discutida nas escolas. Para muitas mulheres esse problema se configura como um dos motivos para a evasão escolar. O Brasil tem hoje cerca de 7,5 milhões de meninas que menstruam na escola. Quase 90% delas frequentam a rede pública de ensino. Segundo dados da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PENSE), cerca de 3% (213 mil) das alunas estudam em escolas que não têm banheiro em condições de uso (IBGE 2015).

Quando as pessoas faltam na escola durante a menstruação, o processo de aprendizagem e a qualificação profissional ficam comprometidos e o resultado, muitas vezes, é a evasão escolar. Apesar desses dados, a pobreza menstrual não faz parte do currículo escolar, sendo assim, muitos estudantes e a gestão das escolas desconhecem essa questão social e, conseqüentemente, deixam de promover ações que podem minimizar esse quadro. Dessa maneira, evidencia-se a importância de se trabalhar a pobreza menstrual nas escolas e promover ações que reduzam os casos de evasão escolar decorrente dessa dificuldade enfrentada por muitas estudantes.

Discutir essas, entre outras questões, no contexto do Programa Residência Pedagógica reafirma o principal objetivo desse programa que é o de promover o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, pela imersão do licenciando na escola de educação básica. As experiências e experimentações docentes vivenciadas possibilitou aos residentes conhecer a escola com mais precisão e desenvolver habilidades de um professor crítico, reflexivo e atuante. Como afirma Calderano (2012) o motor que anima e dá sentido ao estágio é a busca da relação contínua (possível e necessária) entre os estudos teóricos e a ação prática cotidiana, sendo importante analisar o que acontece (como, por que, onde e com quem) buscando um novo sentido diante do que está sendo observado e apreendido no processo junto à realidade observada.

A intrínseca relação entre a teoria e a prática é objeto de discussão de muitos autores que defendem uma maior articulação entre universidade e escola, uma vez que ambas estão envolvidas por saberes igualmente importantes (FREITAS, 2020). Para Nóvoa (2009), quando a aprendizagem da profissão se dá no seu exercício, vivenciando o conhecimento prático dos professores das escolas e a supervisão da universidade, a articulação entre saberes interdisciplinares acontece espontaneamente e de forma natural.

As atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Residência Pedagógica contribuem para a formação de um docente pesquisador de sua prática, que torna sua sala de aula (e tudo o que ali acontece) como campo de pesquisa. Como afirmam Pimenta e Lima (2020, p. 10).

As pesquisas nessa área têm caminhado dos estudos sobre a sala de aula, preocupadas em conhecer e explicar o ensino e a aprendizagem em situações escolares, para estudar as ações dos docentes, coletivamente considerados, nos contextos escolares, desenvolvendo teorias a respeito dos saberes e conhecimentos docentes em situação de aula e, posteriormente, sobre a produção de conhecimentos pelos próprios professores e pela escola.

É preciso considerar ainda que a pandemia de COVID-19, desde 2020, nos impôs uma nova/outra realidade de trabalho que exigiu de nós, professores, uma outra forma de viver e estabelecer relações na escola e na sala de aula. Obrigatoriamente apartados do convívio social mais amplo, tivemos que reinventar nossas práticas pedagógicas, e conseqüentemente, nossas formas de ensinar. Isso nos obrigou também a discutir as outras formas de aprender. As perguntas que nortearam nosso trabalho foram: Que escola é essa que tem se desenhado em tempos de pandemia? Como é possível aprender nesse cenário de medo e tensão no qual estamos imersos?

Tais questionamentos mostram o quanto foi (e ainda está sendo) difícil viver esse momento. As desigualdades sociais camufladas pelo ensino presencial foram postas na nossa frente nos obrigando a desenvolver estratégias para tentar minimizá-las. Na escola em que trabalhamos nem todos os alunos tinham acesso à internet ou equipamentos de qualidade, nem todos contavam com um ambiente tranquilo para estudar e para realizar suas tarefas. Nem todos tiveram acesso à alimentação e a serviços de saúde. A perda da interação presencial e direta entre alunos e professores ressignificou nossa consciência social e essa ‘nova realidade’ nos apresentou os enormes desafios que é se tornar professor em um país extremamente desigual. Fazer parte desse movimento foi uma experiência ímpar no nosso processo de formação docente.

6 Referências

- AUSUBEL, David. **Psicologia educativa: um ponto de vista cognitivo**. Editora Trillas, México, 1976.
- BORGES, Tiago; ALENCAR, Gidélia; **Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior**. Cairu em Revista; n° 04, p. 1 19-143, 2014.
- BUENO, José; GOMES, Marco. **Uma análise Histórico-crítica da formação de Professores com tecnologias de informação e comunicação**. Revista Cocar Belém, vol. 5, n. 53, 2011
- BRAGA, Patrícia et al. **Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes populares**. Ciência & Saúde Coletiva, v.15, n.1, p. 87-95, 2010.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRITO Laís Emanuelle Borba de. Artigo de luxo ou necessidade básica: uma análise sobre a violência simbólica de gênero no documentário Absorvendo o Tabu. In: OLIVEIRA, Geilson Fernandes de; OLIVEIRA, Pâmella Rochelle Rochanne Dias de; SILVA; Francisco Paulo da; DANTAS. Daiany Ferreira [Orgs.]. **Mídia, discurso e sociedade: problematizações contemporâneas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. E-book disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/wp-content/uploads/2022/01/Midia-Discurso-e-Sociedade.pdf> [acesso em junho 2022].
- CALDERANO, Maria. **O estágio curricular e os cursos de formação de professores: desafios de uma proposta orgânica**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2012. p. 237-260.
- CARDOSO, Eliane; VELOZO, Emerson. **O corpo feminino na adolescência: os saberes de estudantes sobre anorexia e bulimia**. Cinergis. Rio Grande do Sul, v. 10, n. 2, p. 62-68, jul-dez. 2009.
- CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. São Paulo: Artes Médicas, 2002.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora**. Porto Alegre: Penso Editora Ltda., 2018

CASTELLAR, Sônia M. Vanzella; MACHADO, Júlio César (Orgs.). **Metodologias ativas: sequências didáticas**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

CASTELO, Maria. **A didática na reforma do ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1985.

CUNHA, Márcia. **Jogos no ensino de Química: considerações teóricas para sua utilização em sala de aula**. Química Nova na Escola. v. 34, n. 2, 2012.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José; PERNAMBUCO, Marta. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FÁVERI, Marlene; VENSON, Anamaria. **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação**. Porto Alegre, v. 14 n. 25, p.65-97, jul. 2007

FIGUEIREDO, O. Escrever: da teoria à prática. In. FONSECA, Fernanda Irene (org.). *Pedagogia da escrita: perspectivas*. Porto: 1994, p. 159

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.

FREITAS, Monica; FREITAS, Bruno; ALMEIDA, Danusa. **Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020.

GOMES, Taísa. **Percepção da autoimagem em escolares do ensino médio na rede federal de educação e tecnologia**. São Luis-MA, 2015.

HOGA, Luiza et al. **Comportamento masculino diante da mulher com Síndrome Pré-Menstrual: narrativas de mulheres**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 23, n. 3, p. 372-378, 2010.

KRASILCHIK, Myriam. **Prática de Ensino de Biologia**. 4º Ed, São Paulo, Edusp, p.197, 2004.

LABURU, Carlos; ARRUDA, Sérgio; NARDI, Roberto. **Pluralismo metodológico no ensino de ciências**. *Ciências e educação*, Bauru, v. 9, n. 2, 2003.

LEITE, Paula et al. **O ensino da biologia como uma ferramenta social, crítica e educacional**.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. Ano 1, Vol 1, Número 1, Jul-Dez, 2017, p. 400-413.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAES, Viviane; GUIZZETTI, Renata. **Ciências E Educação**. In: *Percepções de alunos do terceiro ano do ensino médio sobre o corpo humano*. 22. ed., Bauru: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

MORAN, José; BACICH, Lilian. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MOREIRA, José; HENRIQUES, Suzana; BARROS, Daniela. **Transitando de um ensino remoto para uma educação digital em rede, em tempo de pandemia**. Dialogia. São Paulo, 2020.

MUDIM, Maria; SOUZA, Milena; GAMA, Vitor. **Transformações da percepção da menstruação entre gerações**. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 229-247, 2021

NASCIMENTO, Fabrício et al. **O ensino de ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.39, p. 225-249, set.2010.

NASCIMENTO, Tuliana; COUTINHO, Cadidja. **Metodologias ativas de aprendizagem e o ensino de ciências**. Multiciência online - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santiago ISSN 2448-4148. 2016.

PIMENTA, Selma; LIMA, Maria. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poiesis - Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.

SAIKALI, Jabur et al. **Imagem corporal nos transtornos Alimentares**. Rev. Psiqu. Clin. v.31, n.4, p.164-166, 2004.

SANGIORGI, Maria. **A preferência de homens e mulheres em relação à depilação genital feminina: implicações clínicas da depilação da genitália**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, 2017.

SANTANA, Margarida; WALDHELM, Mônica. Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências – desvelando os bastidores de uma proposta. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.2 n.2 p 2-20 agosto 2009

SANTOS, Júlio. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008
SANTOS, Marli. **O lúdico na formação do educador**. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOARES, Márlon. **O lúdico em Química: jogos e atividades aplicados ao Ensino de Química**. 2004, 203f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Química, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos

SOUZA, Juliane; RIZZATTI, Ivanize. **Sequências didáticas para o ensino de ciências**. 1. ed. Boa Vista: UERR Edições, 2021, 199p.

Universidade Federal de Juiz de Fora. **Instrutivo para a elaboração de relato de experiência**. 2017.

WALKER, Bárbara. **Dicionário dos Símbolos e Objetos Sagrados da Mulher**. Lisboa: Planeta, 1993.

WILSEK, Marilei; TOSIN, João. **Ensinar e Aprender Ciências no Ensino Fundamental com Atividades Investigativas através da Resolução de Problemas**. 2009.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXO 1 – TEXTOS ENVIADOS AOS ALUNOS, COMO EXEMPLO PARA REALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO DE ESCRITA CRIATIVA

Texto 1: O Ovulino saiu de casa, foi expulso pelo ovário. Sem muita escolha, pegou o *busão* que virava à esquerda, na tuba uterina, chegou à praça do útero, sentou-se de frente pro mar e ficou ali, pensando na vida, enquanto a maré da Praia Endométrio enchia. E depois de tanto pensar, decidiu partir daquele corpo e conhecer o mundo. Mas antes que pudesse organizar a viagem, o Pobre Ovulino foi outra vez expulso, dessa vez, pelas contrações do útero. Ele foi surfando então, na porroca da menstruação, passou pelo canal vaginal e colidiu com as paredes do vaso sanitário. Pensou ali que sua vida tinha acabado, até sentir um redemoinho puxa-lo, foi descendo enérgico por um tobogã, empolgado para conhecer o mundo por água abaixo.

Texto 2: Eu me chamo Ovário e enquanto não chega a puberdade, no corpo eu trabalho mufino, quietinho calado. Produzindo hormônios em baixa quantidade. Mas quando vai se aproximando a adolescência, eu deixo de preguiça e aumento a eficiência. Afinal sou proprietário do processo de ovulação, especialista no mercado, meus produtos servem pra a gravidez e pra menstruação.

ANEXO 2 – NORMAS DE SUBMISSÃO PARA A REVISTA EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE CIÊNCIAS⁷

Normas para submissão de trabalhos (EENCI)

O artigo deve ser enviado por meio eletrônico para eenci@if.ufrgs.br, acompanhando de uma breve mensagem de encaminhamento. O artigo deve estar no formato .doc (compatível com Winword 97/2000/XP/2003) ou em formato RTF (Rich Text Format);

A ordem de apresentação dos elementos iniciais do artigo e a formatação correspondente devem seguir o exemplo abaixo, ocupando apenas a primeira página:

TÍTULO ORIGINAL DO ARTIGO ^[1]

Original title translated to

English(espaco em branco)

Nome do Primeiro Autor [emailautor1@nonono.nono.br]

Nome do Segundo Autor Quando Pertencente à Mesma Inst.

[emailautor2@nonono.nono.br]

Instituição a qual pertencem

Endereço da instituição

Nome do Terceiro Autor Pertencente à outra inst. [emailautor3@nonono.nono.br]

*Instituição a qual
pertenceEndereço da
instituição (espaco em
branco)*

Resumo

Lorem ipsum dolor sit amet, ligula nulla pretium, rhoncus tempor placerat fermentum, enim integer ad vestibulum volutpat. Nisl turpis est, vel elit, congue wisi enim nunc ultricies sit, magna tincidunt. Maecenas aliquam maecenas ligula nostra, accumsan taciti. Sociis mauris in integer, a dolor netus non dui aliquet, sagittis felis sodales, dolor sociis mauris, vel eu libero cras. Interdum at. Eget habitasse elementum est, ipsum purus pede porttitor class, ut, aliquet sed auctor, imperdiet arcu per diam dapibus libero duis. Enim eros in vel, volutpat nec leo, temporibus scelerisque nec.

Palavras-chave: Lorem ipsum; Libero; Magna tincidunt.

⁷ Informações disponíveis em: https://if.ufmt.br/eenci/index.php?go=instrucao_autores [acesso em junho de 2022].

(espaço em branco)

Abstract

Ac dolor ac adipiscing amet bibendum nullam, massa lacus molestie ut libero nec, diam et, pharetra sodales eget, feugiat ullamcorper id tempor eget id vitae. Mauris pretium eget aliquet, lectus tincidunt. Porttitor mollis libero senectus pulvinar. Etiam molestie mauris ligula eget laoreet, vehicula eleifend. Repellat orci eget erat et, sem cum, ultricies sollicitudin amet eleifend dolor nullam erat, malesuada est leo ac. Varius natoque turpis elementum est. cenas ligula nostra, accumsan taciti.

Keywords: Lorem ipsum; Libero; Magna tincidunt.

A segunda página do trabalho submetido deve ser uma cópia da primeira (em que apareceu título, resumo, abstract, etc.), porém sem dados que possam identificar o autor. A primeira página ficará com os editores e da segunda em diante, será enviada aos árbitros.

Referências bibliográficas que permitam identificar os autores do trabalho devem ser substituídas pelo código: Autor X1. Autor Xn, onde 1 £ n £ número de citações distintas que permitem identificação.

Tamanho da folha: A4.

Margens esquerda, direita, superior e inferior: 2,0 cm.

Tabulação: 1,5 cm da margem esquerda.

Espaço entre linhas simples e após o parágrafo 10 pt.

Em todo o texto: espaço entre linhas simples e após o parágrafo 10 pt (no Winword, estas opções são apresentadas no menu “Formatar => Parágrafo”).

Alinhamento do corpo do texto: justificado;

Fonte: Times New Roman 12 pt, para títulos e corpo de texto, e 10 pt para notas de rodapé e citações longas recuadas;

As notas de rodapé devem ser numeradas continuamente e em algarismos arábicos;

Tabelas, gráficos, figuras ou imagens devem ser inseridas no lugar apropriado do texto. Não é necessário enviá-las separado;

A legenda das tabelas deve ser posta acima das mesmas e dos gráficos, imagens, e/ou figuras, abaixo.

No final artigo deve constar uma lista completa das referências bibliográficas citadas ao longo do texto. Esta lista deve estar em ordem alfabética e seguir o modelo apresentado na seção “Referências bibliográficas” das presentes normas.

Considerações Gerais

Os editores se reservam o direito de devolver aos autores os trabalhos que não cumpram as normas editoriais estabelecidas;

a contar da data de envio dos pareceres pela editoria, o autor disporá de **30 dias** para atender e comentar as reformulações sugeridas pelos árbitros e/ou editores, especificando **detalhadamente** como **cada** sugestão foi ou não implementada. Estas modificações devem restringir àquelas feitas pelos árbitros e/ou editores. Em situações que sem justificativa o autor demore mais de 30 dias para se manifestar, o artigo será descartado automaticamente.

a revisão final do artigo, ficará a cargo dos autores. O periódico não se responsabiliza pela revisão gramatical dos trabalhos e nem pelas opiniões emitidas

a EENCI não se reserva os direitos de publicação dos artigos, podendo os autores distribuir seu próprio material conforme desejarem desde que a referência completa ao trabalho publicado na revista seja realizada;

devido a sua gratuidade, a publicação na EENCI, não fornece compensação financeira de qualquer espécie aos autores;

os leitores também podem reproduzir e distribuir os artigos da EENCI desde que seja sem fins comerciais, não se façam alterações no conteúdo e se cite sua origem com informações completas: nome dos autores, nome da revista; volume, número e URL exato do documento citado.

Referências bibliográficas (texto para o link indicado anteriormente)

As referências citadas devem ser relacionadas ao final do texto, por ordem alfabética do sobrenome do primeiro autor, segundo os exemplos abaixo. No corpo do texto, as citações devem ser feitas no formato autor-data, com apenas a primeira letra do sobrenome de cada autor em letra maiúscula. Ex.: (Campbell & Stanley, 1963, p. 176); “Segundo Vygotsky (2000)...”.

Para um, dois, três ou mais autores:

Um autor: Newton, I.

Dois ou três autores: Newton, I.; Darwin, C. R. & Maxwell, J. C.

Mais que três autores: Newton, I. et al. (no corpo do texto; na lista ao final do artigo devem aparecer sempre os nomes de todos os autores).

Periódicos impressos

Exemplo:

Greca, I. M., & Moreira, M. A. (2002). Mental, physical, and mathematical models in the teaching and learning of physics. *Science Education*, 86(1), 106-121.

Periódicos eletrônicos

Exemplo:

Mcdermott, L. C. (2000). Bridging the gap between teaching and learning: the role of physics education research in the preparation of teachers and majors. *Investigações em Ensino de Ciências* Acesso em 10 jun., 2006, http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol5/n3/v5_n3_a1.htm.

Livros não todo

Exemplo:

Feynman, R. (1967). *The character of physical law*. Cambridge: MIT Press.

Para capítulos de livros

Exemplo:

Campbell, D. T., & Stanley, J. C. (1963). Experimental and quasi-experimental designs for research on teaching. In N. L. GAGE (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 171-246). Chicago: Rand McNally.

Trabalhos publicados em atas de congressos, simpósios, etc.:

Exemplo:

Costa, S. S. C., & Moreira, M. A. (2006). *Atualização da pesquisa em resolução de problemas: informações relevantes para o ensino de Física*. In: Moreira, M. A. et al. (Ed.). I Encontro Estadual de Ensino de Física – RS, Porto Alegre: 2005. Atas... Porto Alegre: Instituto de Física, p. 153-167.

Para citações de outros tipos de documento, seguir as normas internacionais da APA 5th(<http://library.uww.edu/GUIDES/APACITE.htm>).

[1] Nota de rodapé, quando pertinente.